

A LINGUAGEM ESCRITA NA CLÍNICA: COLABORAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE AGÊNCIA

THE WRITTEN LANGUAGE IN THE CLINIC: COLLABORATION AND DEVELOPMENT OF AGENCY

Paola Lurian SILVA
(Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – PUC-SP)
paola.lurian.silva@gmail.com

RESUMO: A Fonoaudiologia possui diversas abordagens para trabalhar a escrita. Reconhecendo os diversos modos de conceber a linguagem e as práticas clínicas, o objetivo deste trabalho foi refletir a evolução das produções de um paciente incluso em um projeto, desenvolvido em uma instituição de atendimento clínico. Este trabalho elegeu como base teórica Vygotsky (1984). No decorrer da construção da terapêutica envolvida no projeto, observaram-se diversos efeitos positivos. A reflexão teórica permitiu compreender a escrita não como a mera aquisição de uma técnica, mas como uma faculdade fundamental no desenvolvimento cultural do sujeito. Ainda, este artigo reflete sobre desenvolvimento de agência e colaboração.

PALAVRAS-CHAVE: Fonoaudiologia; Linguagem; Colaboração; Desenvolvimento.

ABSTRACT: Speech therapy has several approaches to work with writing. Recognizing the different ways of conceiving language and clinical practices, the objective of this paper was to reflect on the development of a patient's productions, in a writing project, conducted in a clinical care institution. This work chose Vygotsky (1984) as the theoretical basis. During the construction of the therapy involved in the project, several positive effects were observed. Theoretical reflection includes writing not as a mere acquisition of a technique, but as a fundamental issue in the subject's cultural development. The development of agency and collaboration is also reflected on this article.

KEYWORDS: *Speech therapy; Language; Collaboration; Development.*

0. Introdução

A área clínica da Fonoaudiologia possui diversas abordagens para trabalhar com as patologias da linguagem, sejam elas no âmbito da linguagem oral ou da escrita – ou até mesmo, em muitos casos, de ambos. O manejo clínico possibilita, de acordo com o posicionamento teórico adotado, reflexões

distintas sobre os acontecimentos que permeiam esse espaço e que abrem para possibilidades de intervenção.

Na direção da intervenção em distúrbios de linguagem escrita, muitos trabalhos da Fonoaudiologia são embasados em práticas que entendem a linguagem por um viés organizacionista e comportamental, que apaga a singularidade do sujeito e assim não há lugar para pensá-lo em suas demais dimensões, como a histórico-social. Nessa lógica, as intervenções se pautam em poder “sanar” distúrbios pela via do desenvolvimento de competências fonológicas e estimulação do processamento auditivo central (Munhoz et al., 2007). No sentido dessas perspectivas, temos como exemplo uma forte tendência no trabalho com a *consciência fonológica* (Mota et al., 2007; Dambrowski et al., 2008) que atua em uma lógica organizacionista da escrita como transcrição da oralidade. Em outro sentido, aqui assume-se não a linguagem como no Behaviorismo (enquanto comportamento a ser aprendido), tampouco como na Psicolinguística (linguagem no sentido cognitivista, submetida a habilidades perceptuais). Ou seja, assume-se a linguagem pela sua dimensão histórico-social na relação com outros, tal como propõe Vygotsky (1984).

Reconhecendo, como fonoaudióloga, a existência, na área, de diversos modos de conceber a linguagem e as práticas clínicas, o objetivo deste trabalho foi refletir sobre a evolução da produção escrita de um paciente participante de um projeto de linguagem, desenvolvido em uma instituição de atendimento clínico. A busca foi refletir, a partir de suas produções, os conceitos de agência e de colaboração como propulsores do desenvolvimento. Tal projeto de linguagem escrita foi desenvolvido na APAE, em atendimentos individuais com cinco pacientes que fazem parte do “PRONAS - Ampliar Saúde”¹. Ainda, a mobilização para a discussão de tais produções surgiu a partir das vivências e discussões proporcionadas pelo meu ingresso no mestrado acadêmico do programa de pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC- SP).

Este artigo apresenta, em sua sequência, os fundamentos teóricos necessários para as discussões aqui propostas, a metodologia utilizada e a discussão do caso clínico em si, apontando as questões relevantes sobre a escrita e o desenvolvimento de agência e colaboração no contexto clínico.

1. Fundamentação teórica

Este trabalho segue uma direção teórica que possa entender o sujeito que está na clínica como aquele constituído pela sua relação dialética com o

1 PRONAS/PCD – Programa Nacional de Apoio à Atenção da Saúde da Pessoa com Deficiência. Tal projeto aconteceu no Centro de Saúde, em uma cidade do Paraná, no período de agosto de 2018 a agosto de 2020.

outro e o mundo. É uma noção de desenvolvimento que está centrada no papel do social na construção do indivíduo, ou seja, não há ação independente, não há indivíduo sem sua relação com outros. No âmbito clínico, este outro é o terapeuta que ali está para mobilizar uma condição patológica na linguagem oral e/ou escrita.

As discussões que este trabalho propõe estão voltadas para a linguagem escrita, elegendo como texto teórico de base "A Formação Social da Mente", do autor Vygotsky (1984) que aborda a escrita em dimensões que interessam às reflexões aqui propostas. Segundo Vygotsky (1984), a escrita é um ponto crítico no desenvolvimento cultural da criança. Pela via da escrita, o acesso da criança à cultura se expande, trazendo assim maiores possibilidades de relações com o outro e com o mundo. Nesse sentido, é importante pensar o "poder escrever" como algo que possibilita que um sujeito possa agir no mundo de forma colaborativa e crítica, afinal a escrita o aproxima da cultura e de atividades compartilhadas em uma comunidade. Mas, e quando a criança não possui a faculdade da escrita, poderá esta tornar-se um ser agente em seu contexto?

A pergunta acima gera diversos questionamentos, uma vez que a interrogação diante de determinados casos provocam uma mobilização teórica e prática de um profissional, seja ele da área clínica ou da área educacional. Rever a função da escrita e as possibilidades de um sujeito com ela provoca inúmeras contradições históricas, culturais e sociais.

Podemos então estabelecer na construção do *setting* terapêutico uma relação colaborativa, entendendo a colaboração como categoria, ou seja, como constitutiva do sujeito em questão (Bernardes, 2011). A relação clínica é, de fato, uma relação que implica um movimento do terapeuta na direção da constituição de um sujeito aprisionado em uma condição de linguagem, uma vez que esse sujeito sozinho não consegue se deslocar para "fora" de sua patologia e, por esse motivo necessita da intervenção clínica. Ou seja, é uma relação na qual a busca é que os sujeitos afetem-se mutuamente na direção do desenvolvimento, pois os movimentos do terapeuta só são possíveis a partir das questões que a criança convoca sobre sua fala e/ou escrita. É importante também entender este espaço clínico como aquele que pode propiciar uma zona de desenvolvimento proximal para a ação terapêutica com a criança.

A Zona de Desenvolvimento Proximal é um dos conceitos de Vygotsky (1984) que, por um lado diz sobre a distância entre o nível de desenvolvimento real de uma criança e o nível de desenvolvimento potencial. Por outro lado, a atuação pela via da ZPD permite favorecer a relação entre aprendizagem e desenvolvimento de modo constitutivo e significativo. Discussões mais recentes entendem a ZPD como uma zona de colaboração crítica de trabalho, em que se busca desenvolver o sujeito não apenas no nível

maturacional, mas também social, afetivo e, como abordado na discussão desse artigo, agentivo (Salvador, 2014 apud Ninin, 2013).

Compreende-se agência aqui tal como propõe Ninin e Magalhães (2017), retomando Mishe (1998), em que agência seria “[...] um processo de engajamento social temporariamente incorporado pelo sujeito, informado pelo passado, orientado por uma avaliação do presente em direção a possibilidades futuras”.

Então, o esforço que esse trabalho buscou é de uma reflexão a partir das proposições de Vygotsky (1984) diante de um projeto de linguagem escrita, conduzido em um contexto de atendimento clínico. A questão norteadora das discussões se dá sobre o desenvolvimento do sujeito pela via colaborativa instaurada na clínica, refletindo sobre as possibilidades de constituição de um sujeito agente pela via da linguagem escrita. Em um sentido mais específico, reflete-se sobre um sujeito que necessita de um manejo clínico, ou seja, de um processo terapêutico pensado na singularidade desse sujeito para que ele possa se desenvolver, uma vez que sua aprendizagem encontra-se com entraves no espaço educacional.

2. Metodologia

Para uma explanação metodológica, buscarei mostrar como se configurou o projeto de linguagem escrita que possibilitou as discussões posteriormente apresentadas. Ressalta-se que a metodologia utilizada pela terapeuta segue a via dialógica, buscando a partir da relação com a criança construir meios que promovam o desenvolvimento e a superação de uma condição patológica.

O projeto de escrita em questão aconteceu no ano de 2019 em uma cidade do Paraná localizada a aproximadamente 150km da capital Curitiba. Em 2018, a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE foi contemplada com um projeto chamado PRONAS, do Governo Federal, que permitiu à instituição contratar uma equipe terapêutica que passou a atender não só as crianças internas à instituição, mas também pacientes externos da cidade e de cidades vizinhas. Esse projeto (PRONAS) aconteceu no Centro de Saúde, pertencente a instituição da APAE.

Os atendimentos de Fonoaudiologia atendem cerca de 40 pacientes por semana. Muitas destas crianças são incluídas em ensino regular e apresentam questões de linguagem, tanto oral quanto escrita. O trabalho é, além da sessão fonoaudiológica semanal de meia-hora, diretamente com as escolas e professores, em que, enquanto terapeuta responsável, buscava realizar visitas, discussões e encontros. Nesse percurso de atendimentos, um projeto de escrita foi conduzido por mim com alguns dos pacientes que estavam em atendimento clínico fonoaudiológico.

A proposta do projeto consistia na produção de textos pelos pacientes que pudessem circular pelo Centro de Saúde, ou seja, que ultrapassassem a sala de terapia. O projeto foi proposto para todos os pacientes que podiam escrever em sessão, mas apenas cinco deles aderiram à proposta. A adesão ou não dos pacientes é uma questão que, por si só, gera discussões aprofundadas, haja visto a condição clínica de cada um e, portanto, ela não será abordada neste artigo.

Esses cinco meninos trabalharam por cerca de 5 meses, cada um em seu tema específico (seres desconhecidos, pokémons, livros de história, entre outros), temas estes escolhidos pelos pacientes e trabalhados durante as sessões de terapia juntamente com a terapeuta. O direcionamento das sessões era o trabalho com a escrita, a reescrita e a ideia de que isto que se produzia seria lido por alguém, configurando dessa forma um propósito para as produções. Seguia-se um planejamento de acordo com o que se era produzido, ou seja, se produzia-se um desenho a escrita seria para descrevê-lo e explicá-lo ao público. Quanto a reescrita, ela acontecia pela revisão em conjunto com a terapeuta durante as sessões.

Nos meses de novembro e dezembro de 2019, foi realizada uma exposição com os trabalhos feitos pelos pacientes nas paredes da sala de espera do Centro de Saúde. Este artigo, porém, discute as produções de um dos integrantes, que apresentou uma grande evolução na escrita após a participação no projeto e permitiu, a partir de suas produções, uma discussão de agência e colaboração na clínica. O projeto de escrita "Re-significar: 1ª Mostra de Linguagem Escrita" aconteceu durante o mês de novembro de 2019. A exposição tomou as paredes brancas do Centro de Saúde da APAE, proporcionando a todos que ali passavam o contato com o universo da linguagem escrita, produzido pelos pacientes da instituição.

Os dados presentes nesta pesquisa foram coletados durante o processo terapêutico fonoaudiológico do paciente Joaquim². O paciente em questão possui diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), frequenta classes especiais mesmo estando em ensino regular e sua relação com a escrita e a aprendizagem na escola é a maior queixa da família. Para a discussão e análise, foram selecionados materiais produzidos em terapia. Para um melhor entendimento desse processo, o material foi analisado em sua especificidade, ou seja, considerando as particularidades do caso, como o momento de produção (primeiras sessões de terapia e desenvolvimento do processo terapêutico, que inclui o projeto de escrita) e as condições clínicas do paciente.

Como ponto de partida, cabe contextualizar o espaço em que se deram as ações terapêuticas. Aponto, assim, que a clínica é um espaço de imprevisibilidade. Frente a uma proposta terapêutica como a exposta neste artigo, não há como prever os caminhos que ela pode tomar, uma vez que as crianças podem a qualquer momento desistir da ideia, e o clínico deve saber

² Nome fictício.

manejar tais situações - afinal o que se busca é poder proporcionar algo interessante que possa mobilizar a condição da criança, e se esse interesse não é recíproco, a atividade perde o sentido. Então é necessário saber que, talvez, os resultados esperados para determinadas atividades, projetos ou ideias podem não se concretizar, ou tomar rumos diversos. Então, há que se lidar com as expectativas não apenas da criança, mas do terapeuta e das demais pessoas que podem se envolver nessas construções. Mas a importância de se criar algo novo, como o que foi pensado no projeto de escrita, está no processo terapêutico em si, ou seja, na *construção conjunta* do que, talvez, lá na frente, possa ser visto, lido e admirado por outras pessoas.

As ações terapêuticas proporcionadas enquanto terapeuta responsável pelo caso, foram analisadas em um momento posterior - ou seja, elas não foram planejadas visando a construção das discussões aqui realizadas, mas sim, pensadas sessão a sessão na busca de uma evolução terapêutica. Portanto, a análise de dados só foi possível devido: (1) ao acompanhamento terapêutico de 1 ano e meio pela fonoaudióloga, o que proporcionou um conhecimento preciso das questões clínicas do caso; (2) a reunião das produções realizadas nesse período de terapia, que possibilitaram as reflexões realizadas neste artigo na articulação da teoria e da prática.

3. Resultados e Discussão

Para refletir sobre os efeitos produzidos durante o percurso terapêutico de Joaquim, os resultados juntamente com a discussão seguem a trajetória do paciente do momento anterior à proposição do projeto de escrita, e então, os efeitos posteriores ao referido projeto. Para isso, foram realizados recortes que pudessem oferecer uma articulação teórica, baseada nos preceitos de Vygotsky (1984), do contexto clínico, em que a escrita estava inserida, com os conceitos de colaboração e agência, conforme propõem Ninin e Magalhães (2017).

No decorrer da construção do processo terapêutico envolvido no projeto, observaram-se diversos efeitos positivos. A posição do terapeuta nessa construção é sempre de poder considerar o sujeito que ali está não apenas em suas dificuldades, mas acima de tudo, considerar suas potencialidades. Isso proporciona uma ZPD, uma vez que favorece, a partir da organização das ações e do ambiente, um espaço de trabalho significativo para a promoção do desenvolvimento. Portanto, todas as ações do projeto seguiram: (1) proposição, pela terapeuta, da construção de uma exposição de escrita; (2) escuta dos interesses singulares do sujeito, buscando articulá-los com a ideia do projeto; (3) sustentação, pela via dialógica, da produção do material produzido pelo paciente, ou seja, poder dizer e instigar o paciente a cada

sessão sobre a importância de suas produções para uma finalidade maior - a exposição.

Considerando esse direcionamento, observou-se que as crianças envolvidas puderam, ainda que com suas particularidades, sustentar a construção de suas produções, uma vez que a relação colaborativa entre terapeuta e paciente pela via dialógica permitiu tal sustentação. Um ponto a ser observado nesse caminho foi a possibilidade de poder inserir essas crianças, mesmo que com uma escrita difícil, em um universo em que a linguagem escrita possui uma significação social, considerando a historicidade dos participantes que lhes permitiu estarem ali *à sua maneira*.

Entende-se que a criança, quando está no espaço clínico, ali está por apresentar uma patologia de linguagem. Quando há uma condição patológica na escrita, tal condição ultrapassa as ações da escola, uma vez que o trabalho com uma escrita patológica deve ser clínico, ou seja, não deve confundir-se com um trabalho pedagógico.

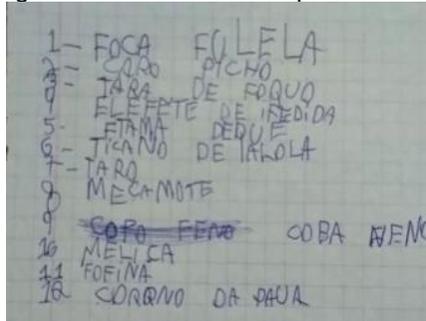
O caso escolhido para conduzir as reflexões é de um menino, participante do projeto, que apresentava uma condição patológica que não apenas afetava a sua escrita em si, mas afetava seu corpo. Joaquim, 11 anos, possuía uma escrita praticamente ininteligível. Quando chegou para as primeiras sessões mantinha-se de cabeça baixa, falava pouco e as queixas da mãe estavam relacionadas à escola. Quando tinha de escrever, reclamava de tonturas e enjoos e isso acontecia toda vez que precisávamos falar sobre o assunto.

O primeiro direcionamento terapêutico para o caso, anteriormente ao projeto de escrita, foi de suspensão de qualquer contato em sessão com o papel e a caneta. Ele não possuía questões de linguagem oral, ou seja, sua fala não apresentava erros ou trocas fonêmicas. E após retirar a escrita do primeiro plano de demanda buscando proporcionar um espaço de diálogo e segurança, ela pôde aos poucos ser reinserida nas sessões pela via do jogo.

O jogo ganhou espaço quando Joaquim, após vencer uma partida de jogo da memória, demonstrou imensa vontade de "voltar a ganhar". Ele desde o início do processo terapêutico apresentava baixa autoestima e vencer-me tornou-se uma atividade que ele pedia para repetir. A insistência de Joaquim era jogar o mesmo jogo diversas vezes com o intuito de vencer, o que podemos interpretar, de certa forma, que dessa maneira ele era *muito bom em algo*. Quando sinalizo que a escrita voltou pela via do jogo, é porque propus que a cada acerto no jogo da memória fossemos nomeando o que encontrávamos, de forma "engraçada".

Então começamos a produzir listas enumeradas com nomes. Meses de listas. Listas que fazíamos juntos ou separados. E todas as vezes que Joaquim começava a escrever, um pedido o acompanhava: *posso escrever do **meu jeito?***

Figura 1 – Escrita de Joaquim – fase 1



Fonte: acervo da pesquisadora.

Como Joaquim podia escrever a sua maneira, sem correções de minha parte, acredito que dar essa possibilidade de escrever para ele fez toda diferença em seu processo terapêutico. Toda a tensão e angústia que a escrita trazia à tona, assim como os enjoos e tonturas, puderam com o decorrer do tempo, “sair de cena”. Ao invés disso, escrever “nomes malucos” para as peças do jogo da memória proporcionava a nós dois riso e boas conversas nas sessões de terapia.

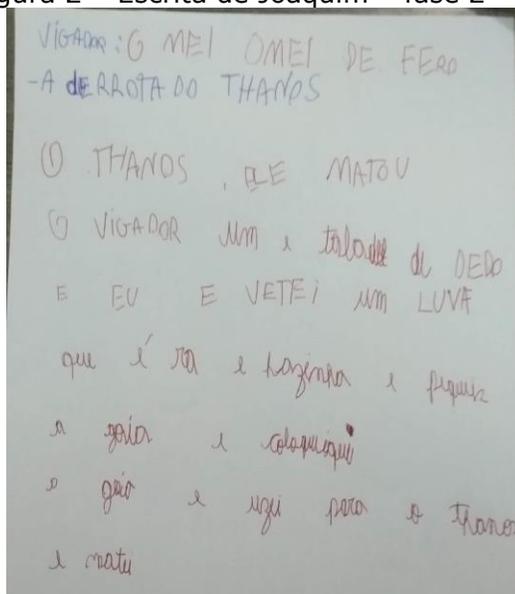
Uma reflexão baseada nos preceitos de Vygotsky (1984) nos permite compreender a escrita não como a mera aquisição de uma técnica, mas como uma faculdade que possui papel fundamental no desenvolvimento cultural do sujeito. Nesse sentido, ela mobiliza o/a terapeuta a direcionar seu fazer de forma que: (1) o/a faça considerar seu papel estruturante na constituição de um sujeito escrevente, uma vez que é esse outro terapeuta que pode atribuir valor e significação social à escrita; (2) proporcionar um ambiente em que essa escrita possa possuir tal valor a esse sujeito.

Além disso, para Vygotsky (1984), o jogo, assim como o desenho, está na origem da escrita, possuindo uma função fundamental no desenvolvimento simbólico. Esses meios de atividade simbólica, em que uma coisa pode estar por outra - como os nomes estavam pelas figuras do jogo da memória - promovem uma amplitude simbólica que pode abrir para novas possibilidades de significação do sujeito em relação a sua escrita. É nesse sentido que acredito que o jogo como direcionamento terapêutico para Joaquim foi fundamental para sua constituição como sujeito escrevente.

A demanda da família no processo terapêutico de Joaquim sempre esteve relacionada à sua aprendizagem, ou seja, à escola. Portanto, uma das metas estabelecidas foi poder chegar à produção textual, ainda que com uma escrita particular. Então, conforme o jogo da memória foi ficando exaustivo, outros assuntos e temáticas passaram a circular nas sessões de terapia.

Nesse momento, Joaquim já tinha a possibilidade de encarar o fato de escrever com mais tranquilidade. Isso permitiu que eu, como terapeuta, pudesse pedir a ele produções de texto.

Figura 2 – Escrita de Joaquim – fase 2



Fonte: acervo da pesquisadora.

Seus textos inicialmente possuíam uma estrutura confusa, ainda repleto de palavras ininteligíveis ou de difícil compreensão. Mas o fato de poder produzi-los já foi considerado um avanço terapêutico, haja vista sua imensa dificuldade para encarar esse tipo de atividade.

A partir do momento em que há a possibilidade de produção escrita de textos com Joaquim, o processo terapêutico foi direcionado para o trabalho com essas produções. Passamos a ler e reescrever os textos produzidos, como uma forma de encarar o que ali se fazia presente.

Conforme explicado anteriormente, enquanto terapeuta, pensando em produzir uma significação das produções não apenas de Joaquim, mas de outros pacientes, propus um projeto de escrita a fim de fazer uma exposição das produções feitas em sala de terapia. Joaquim foi um dos meninos que aceitou participar desse projeto, que foi fundamental para sua evolução terapêutica.

A seguir, apresentarei uma linha do tempo com as produções de Joaquim a partir da proposição do projeto de escrita.

Como explícito na metodologia deste trabalho, a elaboração do tema escolhido pelo paciente, pensando nas formas de apresentá-lo para o público, foi realizado em conjunto com a terapeuta. Joaquim escolheu o tema relacionado ao desenho "Pokémon" e, a partir de seu conhecimento sobre o assunto, fomos construindo o material para a exposição.

perceptual e dos comportamentos e além das atividades pedagógicas de correção.

4. Considerações finais

O projeto de escrita promovido na APAE permitiu a reflexão da escrita de uma criança que possui entraves em seu desenvolvimento. Poder refletir sobre a constituição de um sujeito e o papel do outro neste cenário é o primeiro passo para redimensionar as ações com a criança. Muitos dos resultados que o projeto proporcionou se devem a um trabalho coletivo, que considera a relação dialética de mútuo afetamento entre os sujeitos que estão em relação nesse contexto. Ou seja, as crianças participantes se encontravam pelos corredores do Centro de Saúde, porém não se conheciam. Passaram a se conhecer como autores de seus próprios trabalhos, cada um com sua singularidade.

O caso analisado neste trabalho foi um exemplo, afinal se observa uma mudança do paciente em relação à sua escrita. O mesmo menino que enjoava ao pegar na caneta para produzir, passou a pedir para escrever. Por isso sinaliza-se que todo processo terapêutico envolve um conjunto de reflexões sobre a relação do terapeuta com a criança.

As produções das crianças tomaram as paredes. Os familiares das crianças e as próprias crianças circulavam pelas produções. Os profissionais da instituição passaram a ver esses meninos, inclusive Joaquim, de outra forma: como autores. O projeto promoveu outras relações entre as pessoas que circulam pelo Centro de Saúde. Vivenciando a prática clínica com estes cinco meninos, fica claro o engajamento que suas produções produziram durante o período do projeto, bem como as possibilidades que essas relações produziram.

Considero, portanto, essencial que se possa considerar em qualquer trabalho com crianças, em especial aquelas que apresentam algum percalço em seu desenvolvimento, o papel constitutivo do profissional que com ela se depara: seja ele da área clínica ou educacional. Poder entender que pela via da relação dialética nos constituímos sujeitos nos permite acreditar que, mesmo com uma condição tão difícil, podemos promover o desenvolvimento, a colaboração e a agência.

Referências bibliográficas

BERNARDES, A. Quanto às categorias e aos conceitos. *Rev. Formação Online*, n.18, v.2, p.39-62, jul./dez., 2011.

DAMBROWSKI, A. B.; MARTINS, C. L.; THEODORO, J. D. L.; GOMES, E. Influência da consciência fonológica na escrita de pré-escolares. *Revista*

SILVA, Paola Lurian. A linguagem escrita na clínica: colaboração e desenvolvimento de agência. *Revista Intercâmbio*, v.XLVI: 117-128, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Cefac, 10(2), 175-181, 2008.

MOTA, H. B.; MELO, M. G. C.; LASCH, S. S. A consciência fonológica e o desempenho na escrita sob ditado de crianças com desvio fonológico após realização de terapia fonoaudiológica. *Revista CEFAC*, v. 9, n. 4, p. 477-482, 2007.

MUNHOZ, C. M. A.; MASSI, G.; BERBERIAN, A. P.; GIROTO, C. R. M.; GUARINELLO, A. C. Análise da produção científica nacional fonoaudiológica acerca da linguagem escrita. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, 19(3), 249-258, 2007.

NININ, M. O. G. *Da pergunta como ato monológico avaliativo à pergunta como espaço para expansão dialógica*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

_____.; MAGALHÃES, M. C. C. A Linguagem da colaboração crítica no desenvolvimento da agência de professores de ensino médio em serviço. *Alfa*, São Paulo, v.61, n.3, p.625-652, 2017.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. Martins Fontes, São Paulo, 1984.